



PRÁTICA DE LETRAMENTO RELIGIOSA EM UM POVOADO NO AGRESTE DE ALAGOAS: TRADIÇÃO, RELIGIOSIDADE E TERRITÓRIO¹

PRACTICE OF RELIGIOUS LITERACY IN A TOWN IN THE COUNTRYSIDE OF ALAGOAS: RELIGIOSITY AND TRADITION

Sanadia Gama dos Santos²
Neiva Maria Jung³

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar uma prática de letramento religiosa - orações do dia de finados - em um povoado no agreste de Alagoas que se constituiu e se localiza entre dois municípios na Mesorregião do Agreste de Alagoas. Os registros foram gerados por uma Etnografia da Linguagem, segundo GARCEZ; SCHULZ (2015), e SANTOS (2019), e foram analisados os modos de participação das pessoas na oração de Dia de Finados. Em termos de resultados, identifica-se que, nessa prática de letramento local, as pessoas constroem, por meio de suas participações, modos de interação com textos escritos, valores e identidades locais, como a religiosidade e a tradição e o pertencimento local. Como conclusão, reafirma-se a necessidade de reconhecer os letramentos como socioculturais e intimamente associados a valores e identidades das comunidades, como no povoado.

Palavras-chave: Letramentos. Práticas religiosas. Povoado. Oração de finados.

Abstract: This work aims to analyze a practice of religious literacy in a prayer event of the day of the dead which took place in the community of a village in the countryside of Alagoas. It is a practice analyzed in an Ethnography of Language, second GARCEZ; SCHULZ (2015), and SANTOS (2019) whose research scenario was a village that was constituted and located between two municipalities in the Mesoregion of Agreste Alagoas. People's ways of participating in the All Souls Day prayer are analyzed. In terms of results, it is identified in this practice of local literacy, people build through their participations, ways of interacting with written texts, values and local identities, such as religiosity and tradition. In conclusion, the need to recognize literacies as socio-cultural and closely associated with the values and identities of communities, as in the village is reaffirmed.

Keywords: Literacies. Religious practices. Town. All soul's prayer.

¹ Artigo recebido em 30/05/2019 e aceito para publicação em 18/12/2019.

² Professora da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL); doutora em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), e-mail: sanadia.uneal@gmail.com, Orcid: [0000-0003-3001-1889](https://orcid.org/0000-0003-3001-1889).

³ Professora - graduação e pós-graduação em Letras - da Universidade Estadual de Maringá (UEM); doutorado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); e-mail: neiva.jung@gmail.com; Orcid: [0000-0002-7249-7816](https://orcid.org/0000-0002-7249-7816).

Introdução

As práticas sociais em torno da escrita estão associadas a elementos que se configuram histórica, cultural e socialmente na vida de pessoas e comunidades, sendo articuladas a noções de personalidade, identidade e poder (STREET, 1984, 2003; BARTON, 1994). Trata-se de uma compreensão de letramento orientada por demandas locais, por práticas letradas organizadas por grupos sociais, em espaços institucionais ou não, por agências que determinam usos de escrita ou leitura ou não, enfim, são modos culturais de interagir com textos escritos (STREET, 2014).

No povoado da Lagoinha, local em que este trabalho foi realizado nos anos de 2017 e 2018, localizado no agreste do estado de Alagoas, as pessoas se reconhecem como pertencentes ao povoado, embora o local se se encontre entre dois municípios. O povoado foi formado, segundo informação histórica, pela família do Seu Ciriaco e a divisão entre dois municípios ocorreu em 1958, por meio do decreto da cidade de Traipu. Trata-se de um recorte do trabalho de doutorado de Santos (2020) que realizou uma Etnografia da Linguagem (GARCEZ; SCHULZ, 2015) que teve como cenário de pesquisa esse povoado que se constituiu e se localiza entre dois municípios na Mesorregião do Agreste de Alagoas.

Em termos de letramentos, além das práticas escolares, que inclusive ocorrem em duas escolas, uma pertencente a cada município, as pessoas participam de práticas religiosas católicas e de práticas relacionadas ao trabalho. Neste artigo, analisamos a prática religiosa de orações de dia dos finados com o objetivo de demonstrar como os participantes se engajam e são engajados nessa prática e como com isso constroem a religiosidade local, a tradição e a noção de ser alguém do povoado.

Estudos voltados para eventos religiosos em comunidades rurais formadas por migrantes europeus e seus descendentes no Sul do Brasil, mais especificamente alemães e ucranianos no Estado do Paraná, como mostram os trabalhos de Jung (2003), Jung e Semechechem (2009) e Semechechem (2016), nos permitem compreender como eventos de letramento religiosos se constituem e como contribuem para a construção de identidades locais.

Duarte (2008) observou a prática religiosa do terço em contextos rurais em um ritual coletivo do catolicismo popular. A pesquisa foi

realizada nos municípios de Catalão e Goiandira, cidades do Estado de Goiás. Os resultados mostraram que os “aspectos socioculturais e históricos colaboram com o reforço identitário dos grupos, como também a luta pela sobrevivência daquilo que lhe pertencem, a exemplo dos costumes, crenças, tradições e cultura” (DUARTE, 2008, p. 128). Ela mostra a preservação da identidade sociocultural por meio de práticas discursivo-religiosas.

Para dar conta do objetivo proposto, o artigo está organizado da seguinte maneira: na seção 1, uma apresentação do povoado Lagoinha, na seção 2, breve discussão do conceito de letramento e, na seção 3, a descrição do evento e uma análise dos elementos socioculturais locais articulados a essa prática, como a tradição, a religiosidade e o pertencimento ou a construção de uma identidade local.

O Povoado Lagoinha

O povoado Lagoinha originou-se com a chegada de Manoel Ciriaco e sua esposa Antônia, além de Antônio Ferreira, um amigo do casal. Por volta do ano de 1900, quando eles chegaram ao sítio, só havia mata. Ali mesmo construíram a primeira casa de farinha, a primeira casa de taipa, e já havia no sítio uma pequena lagoa que deu origem ao nome do povoado “Lagoinha”. Os sítios mais próximos são Lagoa dos Veados e sítio Mata Vermelha; mais adiante, há uma comunidade quilombola conhecida como Mombaça.

Após a chegada do casal à região, foi construída a igreja, que hoje tem cerca de 185 anos e é também onde acontece a festa tradicional de Nossa Senhora da Conceição, nos dias 26, 27 e 28 de dezembro.

Figura 1: Igreja do Povoado



Fonte: acervo pessoal.

Na região, o local em que predominava uma mata densa hoje dá lugar a casas e estradas que dão acesso aos povoados e cidades vizinhos, da mata pouco restou. O tempo trouxe muitas mudanças; a igreja foi ampliada, a escola foi construída em 1971 por João Mirucho, na gestão do Prefeito José Carlos de Santa Rita.

Mais tarde, foi trazida energia elétrica, por volta do ano de 1986, e também construído um posto de saúde. Para alguns moradores, embora o povoado tenha crescido em relação ao aumento da população, falta médico para atendimento às famílias do povoado, pois, em caso de emergência, o local mais próximo para atendimento é o hospital em Girau do Ponciano que fica há cerca de 6 km de distância. Posteriormente, o povoado foi beneficiado com água encanada para a população, que atualmente é mal distribuída, levando o povo muitas vezes a se submeter à compra de carro-pipa para encher as cisternas para consumo humano.

Antes carregava água na cabeça. Quando não temos água do rio, usamos a água do açude pra lavar roupa, carrega no carro de boi pra lavar, pessoal usa pra dar banho nos animais. Quando não existia água encanada, usávamos para todas as necessidades que precisava depois que chegou água encanada. Aqui é 250 reais o carro-pipa. Tem uns 15 dias que chegou água. Essa água poderíamos pegar carro de boi pra abastecer. Antes era no cadeado, na cancela, pra pegar no pote passávamos, e o carro de boi e depois que chegou água deram pra dar banho nos cavalos, só usamos pra banho. A água da minha cisterna acabou. Não chega água encanada, e nós compra. A pipa tem de 8, de 10, de 16, de 12 litros, depende. Quando seca, tem que comprar água. Uma vez fui pra Arapiraca, cortei a água. Hoje chegava lá pra eles com dois, três dias, e nós com 4, 5, 6 meses sem água, reclamávamos ao responsável e nada. Agora que não dá em nada (Entrevista com Gerusa, merendeira da escola, em 10 de outubro de 2017).

Na entrevista de dona Gerusa, evidencia a realidade da falta de água e os problemas locais de acesso e uso de outros meios como a compra de água por meio de carros pipas para a sobrevivência humana. Sendo assim, a realidade local da vida do povo é um dos fatores importantes que levamos em consideração no trabalho etnográfico.

Abaixo veremos a figura 2 que apresenta a cisterna onde é armazenada a água para consumo humano.

Figura 2: Cisterna de cimento com 16.000 litros no terreiro de uma das casas do povoado



Fonte: acervo pessoal

Atualmente, o povoado tem uma extensão territorial equivalente a 4 tarefas⁴ de terra, conta com aproximadamente 800 moradores e 97 famílias.

A lagoa que deu nome ao povoado beneficiava as famílias da comunidade, como conta Dona Josefa, mãe de João (líder religioso). Segundo ela, a água da lagoa era utilizada para tomar banho, beber água, lavar roupa, mas depois os próprios moradores começaram a descuidar do uso, chegando até a usar para lavar animais, e, conseqüentemente, a água tornou-se imprópria para consumo.

Figura 3: Imagem da Lagoa que deu nome ao povoado Lagoinha



Fonte: <http://projetcultural2011-9ano.blogspot.com/>. Acesso em: 13 jan. 2019.

⁴ A tarefa de terra é uma medida de área expressa pela unidade de metro quadrado. Em Alagoas, uma tarefa de terra equivale a 3.052 m².

Além disso, estava se tornando perigoso seu uso, principalmente para as crianças, pois contam os relatos que havia morrido uma pessoa no local. Com isso, em 2014, a lagoa foi aterrada e substituída mais tarde pela construção de uma creche pela gestão do município de Traipu. É importante destacar que se trata de uma obra não concluída, conforme mostra a Figura 4.

Figura 4: Creche em construção no local onde existia a Lagoa que dá nome ao povoado



Fonte: acervo pessoal

As casas ficam ao redor do que antes era a lagoa, próximo a ela há um campo de futebol, conforme mostra a Figura a seguir, que as crianças utilizam para diversão e brincadeiras nas horas livres, pois se dividem entre o estudo e o trabalho ajudando os pais no trabalho da roça no plantio de feijão, milho, inhame, batata-doce e mandioca, culturas de subsistência para as famílias.

Figura 5: Campo de futebol e gado (Lagoinha de Traipu)



Fonte: <http://projetcultural2011-9ano.blogspot.com/>. Acesso em: 13 jan. 2019.

Em termos de atividades econômicas no local, o artesanato do povoado é diverso, fica no centro da comunidade, localizado na Lagoinha de Traipu, a exemplo das panelas e dos utensílios de barro e também da produção de sabão a partir da gordura animal. São feitos na parte da Lagoinha de Girau, uma das primeiras casas na estrada que dá acesso à parte central do povoado, o bordado e o crochê. A costura geralmente é feita pelas mulheres e para uso próprio, como também para vender, no entanto essas formas de artesanato são bastante valorizadas em outras regiões do país.

Os moradores mais antigos contam que a diversão naquele tempo era bem diferente de hoje, dançavam reisado, samba e zabumba, praticamente extintas da comunidade. A prática que mais resiste ainda é o grupo de zabumbeiros que toca em épocas de festas, como o período junino e, com mais relevância, na festa da padroeira do povoado que acontece 25, 26 e 27 de dezembro em homenagem a Nossa Senhora da Conceição.

Práticas de Letramento

Street (2006) afirma que os usos e significados do letramento nas diferentes sociedades constroem noções de pessoa e identidades, na medida em que as estruturas ideológicas e de poder se articulam tanto aos textos quanto aos modos de interagir com esses textos. Desse modo, leitura e escrita não são meras habilidades de aquisição da escrita, mas estão articuladas a modos de participação das pessoas em práticas situadas e à sua constituição identitária ou como pessoa.

São letramentos no plural que possibilitam reconhecer diferentes usos sociais e culturais da escrita, em lugares, espaços e pessoas que muitas vezes são definidos como sem letramento, analfabetos, sem escolarização, desafiando o “não” que muitas vezes está na base de programas de alfabetização em larga escala, por exemplo, ou até mesmo de pesquisas (STREET, 2010). Esse “não” é resultante de um modelo de letramento autônomo, segundo Street, no qual leitura e escrita são competências e habilidades quanto à utilização do texto escrito. Esse modelo é criticado por Street como algo que não levaria em consideração práticas construídas, por meio de sua cultura e identidade, mas sim com base em uma ideia hegemônica que exclui, domina e oprime o sujeito de modo a reduzir suas práticas de fala e escrita ou de leitura e escrita a uma medição

que toma como referência um modelo único de letramento, geralmente o letramento escolar.

O modelo ideológico de letramento consiste, ao contrário, em considerar que todos os indivíduos são “letrados” em algumas práticas, uma vez que provavelmente fazem compras em mercados, participam de práticas religiosas, se locomovem em cidades por meio de transporte público, dentre outras possíveis práticas das quais participam. Essa participação ocorre em alguma medida dependente do meio social em que a pessoa está inserida, ao mesmo tempo que a participação constrói o meio social.

No Povoado, por exemplo, os membros participam de práticas religiosas católicas, como novenas, cultos, oração de dia de finados, festa da padroeira da comunidade, práticas relacionadas ao trabalho, como a mandiocada, artesanato de barro, e as crianças e professores de práticas escolares, como as aulas. Ao mesmo tempo que a participação nessas práticas lhes possibilita se construírem membros locais, pertencentes ao povoado, constroem o povoado.

Nesse sentido, trazemos para a discussão a dimensão conceitual de território, que, segundo autores como Fernandes (2006), são espaços imateriais constituídos de relações sociais e também como um espaço político. Os territórios são formados no espaço geográfico a partir de diferentes relações sociais. Eles podem ser contínuos em áreas extensas e ou descontínuos em pontos e redes, formados por diferentes escalas e dimensões da vida humana e da dinâmica das relações sociais que os sujeitos se constituem. Portanto, um território pode ser um país, estado, uma região, município, departamento, bairro, fábrica, vila, propriedade, moradias, salas, corpo, mente, pensamento, conhecimento.

Na próxima seção, apresentamos a análise do evento orações de dia de Finados.

Orações de dia de finados: tradição, religiosidade e território

Nesta seção, apresentamos uma análise da participação dos moradores do Povoado no evento da oração do Dia de Finados, especialmente baseadas em uma tradição religiosa católica, que se desenvolve no calendário fixo da comunidade e marca a cultura local. Essas atividades, ouvidas frequentemente durante as idas ao trabalho de campo, oferecem indícios importantes de que as diversas atividades, como reza do terço e da ladainha, constituem uma prática letrada marcada

socioculturalmente. Essa construção é relacional, reinventada e produzida localmente, obedecendo-se a regras, valores e crenças.

O Dia de Finados institui-se no calendário da Igreja Católica, Apostólica, Romana no dia 2 de novembro de todos os anos e ocorre um dia após o Dia de Todos os Santos. Segundo Fernandes (2019), consiste em rituais religiosos cristãos ocidentais de tradição católica que têm origem no cristianismo primitivo desenvolvido sob as ruínas do Império Romano. Segundo o autor, o costume de rezar pelos mortos foi sendo introduzido aos poucos na liturgia da Igreja Católica. A partir do século XII, essa data popularizou-se em todo o mundo cristão medieval. Na tradição popular, o povo faz suas orações pela alma de seus entes (familiares, amigos ou pessoas próximas) no cemitério ou na celebração eucarística da missa.

Fazemos orações por ser uma tradição da comunidade, essa forma de rezar assim na porta do cemitério vem dos antigos, e por isso continuamos o que os mais velhos deixaram (Depoimento de João, liderança religiosa da comunidade. Entrevista em 2 de novembro de 2017).

No dia em que estive na comunidade, era feriado do Dia de Finados, e, após o momento de conversa com a família do líder religioso, no final da tarde, as pessoas da comunidade estavam indo até o cemitério para fazer orações e acender velas para seus entes falecidos.

Por ser período em que o calor é bastante acentuado e os verões são altamente rigorosos e de grande estiagem, o povo espera o “sol baixar” para se dirigir até o cemitério. Nesse dia, pelo fato de o padre residir na sede da paróquia, em Traipu, as orações geralmente são coordenadas pelo líder local (João) e pelo grupo de jovens da comunidade que informa às famílias para irem ao cemitério entre 16h e 16h30, com a finalidade de participarem da reza do terço aos finados.

Havia um certo fluxo de pessoas também se dirigindo até o mesmo local com velas e fósforos. Entrei, e muitas famílias ali estavam em silêncio em orações a seus parentes falecidos (Notas de Diário de Campo, em 2 de novembro de 2017).

A oração, orientada por João, é a reza do terço de Nossa Senhora, a partir da utilização de um livro, como mostra a imagem da capa a seguir, lido essencialmente em português, produzido por uma editora de materiais religiosos para a Igreja Católica.

Figura 6: Livro de orações utilizado no dia de finados



Fonte: acervo pessoal.

Esse livro está na mão de uma das lideranças do grupo de jovens, que alterna o manuseio com João, entre um mistério e outro. Eles estavam posicionados em frente ao cemitério, que estava com os portões abertos, e pediram para que as pessoas que estavam dentro do cemitério, acendendo velas nas sepulturas de seus familiares, se dirigissem todas para o lado de fora do cemitério para a reza do terço. Em voz alta, João pediu: “Primeiro vamos rezar o terço, a ladainha, e depois é que todos entram!”.

Atrás dos líderes que coordenavam o terço, os demais membros da comunidade acompanhavam as orações. Eram, em sua maioria, mulheres, mas também participavam alguns homens, também crianças e pessoas idosas. Devido ao fato de ser um momento muito sagrado para o povo e em forma de respeito ao evento, o evento foi filmado, com registro fotográfico em momentos considerados importantes para captar imagens e ações, como também foram realizadas anotações de campo.

A leitura dos mistérios gloriosos de Jesus, rezados no terço, era sempre puxada pelo líder da comunidade, que convidava sempre um membro participante para rezar o Pai-Nosso e as 10 Ave Marias. Geralmente, a escolha dessa pessoa acontece antes de a oração iniciar, quando a pessoa é convidada ou nomeada pelo representante da comunidade (João) ou por sua mãe (Josefa). Nesse dia, a pesquisadora também foi convidada a participar em um dos momentos, como uma liderança jovem, e mais uma mulher, membro da comunidade de fé.

A participação do povo era espontânea durante a segunda parte das Ave Marias: “Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós pecadores,

agora e na hora de nossa morte. AMÉM!”, como também da oração que finaliza o mistério rezado: “Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, como era no princípio agora e sempre, pelos séculos e séculos. Amém... Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno, levai as almas todas para o céu e socorrei principalmente aqueles que mais necessitarem de vossa misericórdia. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso filho na unidade do Espírito Santo, Amém!”. Após a finalização de cada mistério do terço, é puxado um canto religioso, em devoção a Nossa Senhora. As pessoas acompanham a reza do terço e os cantos por serem membros da comunidade de fé, tendo deles conhecimento, pois as cantorias são populares e rotineiramente cantadas em novenas.

Ser um membro da comunidade de fé, nesse contexto de comunidade, resulta em acreditar na fé católica, herança cultural e religiosa, no seio da família e da comunidade. Assim, os valores que a oração tem eram não são somente aqueles em relação aos entes falecidos, mas também valores relacionados aos próprios participantes, como cumprimento de suas obrigações religiosas e, conseqüentemente, de ser reconhecido como membro dessa comunidade de fé e da comunidade local. Jung (2003) afirma que o evento religioso, por se constituir de um ritual, fortalece a identidade local, pois as pessoas estão sincronizadas coletivamente, em torno do mesmo objetivo, em um período de tempo, sustentadas pelo valor da fé e da crença em torno das devoções sagradas.

A religião católica é reconhecida, propagada e mantida localmente pela comunidade de fé, por meio de suas manifestações de linguagem, nos modos culturais de participação nesse evento que ocorre no entorno do cemitério. O texto escrito, materializado no livro utilizado durante o ritual, também ecoa fortemente como aquele que é porta-voz do sagrado (*REZEMOS O TERÇO*), que orienta as pessoas no roteiro do evento e legitima o modo como elas devem participar do ritual. Não há a figura do padre, mas as lideranças religiosas locais seguem e mantêm uma tradição vinculada ao texto escrito de dois modos:

1. Difusão e manutenção da fé católica por meio de textos escritos que orientam o ritual;
2. Modos culturais em torno do letramento vinculam-se a uma ordem institucional e ao mesmo tempo popular, como presente em outros eventos religiosos locais, como na festa da comunidade.

O ritual sagrado no Dia de Finados está carregado de linguagens simbólicas. Segundo Catroga (2010, p. 171), o ritual sagrado “opera por símbolos que exprimem um estado de espírito, uma situação, uma relação, uma pertença, ou mesmo uma essência inerente ao grupo”, isto é, expressa a linguagem da memória, a união entre a oração como elemento transcendental para se chegar às almas. Ele afirma ainda que a visita ao cemitério constitui práticas identitárias que envolvem outros elementos simbólicos, como a paisagem arquitetônica do cemitério, a posição das sepulturas, o uso de velas e flores, o terço e as canções, o que funciona como um conjunto de elementos materiais que caracterizam para o povo uma forma de letramento constituído pela prática religiosa, pois o ritual, embora envolto entre preces e choros, leva as pessoas a se reunirem e a celebrarem encontros com parentes ou amigos, sejam vivos ou mortos.

As duas forças presentes no evento garantem uma organização de comunidade de fé e do próprio povoado, da seguinte forma: a) manutenção da ordem católica apostólica romana, materializada no cumprimento da realização da atividade em data fixa estabelecida pelo calendário oficial da Igreja Católica; e b) manutenção de padrões e modos culturais baseados na tradição do povo, que é a forma de organização do ritual, coordenado pelas lideranças religiosas locais que se baseiam nos costumes e nas formas como os mais antigos realizavam esses eventos (a organização na porta do cemitério – prática predominantemente local).

É importante compreendermos que, embora essas duas forças constituam essa prática, a instituição do poder da fé católica está presente, pois as lideranças que estão na coordenação do evento são a representação da igreja para a manutenção da fé e das práticas devocionais, estruturadas no cumprimento do calendário fixo, da oração aos mortos e às almas e também da oração do terço. Esse dado tem relação com o papel da religião católica na vida e morte do povo alagoano que, por conta muitas vezes da ausência do Estado, encontra na religiosidade modos de organização local e de resistência.

Considerações finais

Trata-se de uma prática de letramento local articulada à tradição e a uma identidade religiosa local e de pertencente ao povoado da seguinte forma: 1º) pela participação, organizada pela tradição e reconstruída aos moldes da cultura local, por meio da devoção e da participação popular a partir da reza do terço; 2º) pelas orientações em torno do texto escrito que

permitem constituir modos culturais no uso da leitura do texto, baseados na fé do povo; 3º) pela manutenção do poder institucionalizado por meio da voz da Igreja Católica e da tradição de devoção religiosa, fortalecendo a importância de lembrar e rezar pelos falecidos.

Esse dado tem relação com o papel da religião católica na vida e morte do povo alagoano. O nordeste é marcado profundamente por movimentos de evangelização, como as missões que procuravam despertar os fiéis para o sentimento de pecado e da necessidade de se fazer penitência, para se conseguir a salvação. Ao mesmo tempo, as santas missões serviam para tirar o povo do isolamento em que viviam e para organizar uma estrutura mínima nos povoados. Juntavam o povo em mutirões para a construção de pontes, estradas, açudes, cemitérios, tanques, cacimbas. Ao final, o cruzeiro era erguido, na praça principal do local, ou no alto do morro, como marcas da presença de evangelização.

Em Alagoas, desde o início do processo de formação, colonização e emancipação, o estado foi marcado pela resistência dos povos que nela habitavam, tendo a terra como o principal elemento de disputa, ocupação, organização e resistência, assim também a consolidação e expansão do processo de cristianização, e organização das igrejas e comunidade de fé se constituiu. O surgimento de uma estrutura institucional da igreja, como as paróquias, só veio posteriormente, justamente porque a comunidade de fé se instaurava primeiro- isto primeiro pelo fato da colonização concomitante às missões instaurarem um pensamento cristão europeu e segundo pelo fato dos missionários não conseguirem dar conta do processo de expansão e surgimento das comunidades -, resultando no surgimento de lideranças religiosas locais que propagavam a fé e instauravam as comunidades de fé.

Desse modo, assim como a igreja estava ligada ao império, a comunidade de fé estava interligada à organização comunitária. Nesse sentido, vale ressaltar que a terra era habitada por leigos, cristãos: beatas, ministros, curandeiras, etc. e com isso a fé foi se constituindo por um sincretismo religioso e se tornando uma tradição fundamental na vivência (muitas vezes sobrevivência) das famílias e das comunidades e no modo de organização de um território - no nosso contexto do Povoado.

Referências

BARTON, David. **Literacy** - an introduction to the ecology of written language. Cambridge/USA: Brackwell, 1994.

BAYNHAM, Mike. Ethnographies of Literacy: Introduction. **Language and Education**, Leeds, UK, University of Leeds, School of Education, v. 18, n. 4, p. 285-290, 2004.

CATROGA, Fernando. O culto dos mortos como uma poética da ausência. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 12, n. 20, p. 163-182, jan.-jun. 2010.

DUARTE, Aline do Nascimento. **A preservação da identidade sociocultural por meio de práticas discursivo-religiosas em contextos rurais**. 200f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Linguística, UnB. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/6596>>. Acesso em: 15 jan. 2020.

FERNANDES, Cláudio. “02 de Novembro – Dia de Finados”. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/datas-comemorativas/dia-de-finados.htm>. Acesso em: 22 dez. 2019.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Os Campos da Pesquisa em Educação do Campo: espaços e territórios como categorias essenciais. In: MOLINA, Mônica Castagna. **Educação do Campo e Pesquisa: questões para reflexão**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.

DUARTE, Aline do Nascimento. **A preservação da identidade sociocultural por meio de práticas discursivo-religiosas em contextos rurais**. 200f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Linguística, UnB. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/6596>. Acesso em: 15 jan. 2020.

GARCEZ; SCHULZ, Lio. Olhares circunstanciados: etnografia da linguagem e pesquisa em Linguística Aplicada no Brasil. **D.E.L.T.A.**, v. 31, 2015.

JUNG, Neiva Maria. **Identidades sociais na escola: gênero, etnicidade, língua e as práticas de letramento em uma comunidade rural multilíngue**. Tese (Doutorado em Letras). 309f. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.

JUNG, Neiva Maria; SEMECHECHEM, Jakeline Aparecida. Eventos religiosos e suas práticas de letramento em comunidades multilíngues e multiculturais. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 17-37, 2009.

Projeto cultural: recontando a história e a cultura do povoado lagoinha com as Tics. Disponível em: <http://projetcultural2011-9ano.blogspot.com/>. Acesso em: 3 jul. 2019.

Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, UNEAL. Arapiraca/AL, 2009.

SANTOS, Sanadia Gama dos. **Práticas de Letramento e Negociação de Identidades em um povoado no Agreste de Alagoas**. Tese de doutorado em andamento pela Universidade Estadual de Alagoas. (No Prelo).

STREET, Brian. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. São Paulo: Parábola, 2014.

STREET, Brian. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

STREET, Brian. What's "new" in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. **Current Issues in Comparative Education**, Teachers College, Columbia University, v. 5, n. 2, p. 77-91, 2003.

STREET, Brian. Perspectivas interculturais sobre o letramento. **Revista Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 8, 2006.